

em dissidência para pescarem depois nas águas turvas. Consolam-se com a perda!

— Nós nada perdemos; na Câmara teremos maioria, e é para lá que os empurramos!

— Pois pensa que a Câmara, com uma opposição franca e decidida de 20 a 25 membros, hão agüentar-se?

— Quem é que a hão dissolver? O gabinete que, nas circunstâncias actuaes do paiz, aconselhasse a Corôa a dissolução da Câmara, poria em risco a tranquillidade publica.

— Mas o que fará então o partido liberal, tendo uma força d'essa ordem no Corpo Legislativo?

— O partido não fará cousa alguma, porque é tão constitucional como os conservadores; mas a Câmara, assim composta, desorganizada, agitada sempre, tornará necessario um gabinete capaz de fazer-se centro e de inspirar confiança a todos.

— Quem será o novo Paraná, que o organise?

— Em politica, compadre, os homens apparecem nas occasiões.

— E temes vós esses homens?

— Oh! lá se os temos!.. E, quando não os tivéssemos, bastava-nos ter um.

— Qual?

— O Imperador, que é, com diz a *Malaca Conquistada*:

Príncipe excelso, que dos seus aprende
Leis e as observa, se as promulga augusto:
Nunca da sujeição ás leis se offende
A grandeza real do Rei que é justo:
A manter em justiça o paz entente
Seus subditos, o foga de odio injusto;
Pai amoroso é; mais que nas cidades,
Nas almas reina, impera nas vontades.

— Então, compadre — Viva o Imperador!

— Deus O proteja. Neste caso direi sempre como a velha de Siracusa:

« Deus conserve a vida a V. M. ! »

— E' no que dão todas as nossas cousas: Vivas, foguetes, festas e luminarias!

— Por felicidade nossa, meu compadre! E Deus permita que a indole dos fluminenses não se mude. Pobres carneiros, que nem sabem para que servem!

— Como assim? Não se portou perfeitamente bem o povo fluminense nesta occasião?

— Mas para isso o que foi preciso? que Mineiros, Paraenses e Pernambucanos viessem ensinar a lição aos chefes do partido liberal na Corte. Sem os Marinhos, Ottonis, Sousa Francos, Vasconcellos, e outros, nada os Srs. teriam feito.

— Que intrigal...

— E ainda assim foram enganados; prometteu-se aos volantes uma coisa e agora faz-se outra.

— Em parte isso é assim; mas diga-me: o que tem os Srs. que se entremetterem nos nossos negocios?

— O mesmo que os Srs. tinham quando nos atacavam pelo apoio que dávamos ao Sr. Paraná, sendo elle Balitano. Apriem-se a ficção; servimos-nos agora do exemplo.

— Apazar de tudo isso que diz, a nossa gloria hão de ser immensal!

— Nem todos os seus hão de dizer o mesmo. Alguns dos que de lá muito tra-

balham é que mesmo nesta quadra fizeram sacrificios enormes...

— O que lhes aconteceu?

— Morreram, meu compadre; o seu partido torçou-os impossíveis.

— E que importava a morte de algum ou de alguns quando é estrondoso o nosso triumpho!

— O seu triumpho?

— Sim, o nosso triumpho.

— « E' mais um esquisito que passa! »

— Pois não reso pela alma do defuncto, que Deus a salvará com o sacrificio da sua devoção. A gloria dos fluminenses hão de ser completa.

— A gloria dos fluminenses, diz o Sr. ! A gloria dos fluminenses « E' mais um esquisito que passa! » Diga-o o Sr. Dr. Macedo.

— Esse se julga bem substituido, desde que essa foi a deliberação do seu partido. Oxalá que todos fossem como elle!

— Isto é facil de dizer; mas...

— A este respeito — Ponto final.

— Não, meu compadre — Ponto de admiração!

JACINTHO

(CONTO FANTASTICO)

Das reminiscencias que posso colher dos meus primeiros annos, concluo que fui incredulo desde a mais tenra infancia.

Aos quatro annos de idade já eu duvidava muito.

Lembro-me ainda, como se as lêsse hontem, de todas aquellas historietas fantasticas, com que minha boa ama me acaalentava. Lembro-me tambem que nunca erigou-se-me um só fio dos cabellos com ouvir-lhe a descripção de tantas scenas de almas do outro mundo, de que abundavam as suas historietas. Pois não era porque ella não tivesse queda natural para descrever um fantasma, não era, que um fantasma, posto entre os vivos por minha ama — era para fazer sabir ás carreiras o mais destimido do grupo.

Avanço mesmo a dizer, que, se ella dispuzesse de uma educação litteraria, equivalente á dose de espirito fantastico que possuia, o Brasil podia a esta hora gabar-se de ter sido o berço de uma escriptora rival de *Anna Radcliffe*.

Entretanto eu a escutava tranquillo, e não perdia a occasião de arregalar os meus olhinhos para o canto mais escuro da alcova, com summa curiosidade de ver algum fantasma, enquanto ella propria fechava os seus.

Se, porém, a mãe Claudina (assim chamava-se ella) não teve logica bastante para convencer-me que depois desta vida ha uma outra, onde ab eterno reinam os espiritos, pudera ao menos gabar-se que foi ella com as suas historietas quem me ensinou o espirito no gosto fantastico.

Aos vinte annos eu deixava em meio o melhor canto de um poema, ou a mais interessante pagina de um tratado de philosophia, para ler um conto fantastico, ainda que fosse de folhinha. Os contos do *Hoffmann*, os de *Anna Radcliffe*, o *Orlando Furioso*, as *Mil e uma noites*, e eram, ingenuamente fallando, os *chefs-d'oeuvre* da minha pequena estante. Os mais livros

estavam mal arrumados nos ultimos raios della, considerados por mim — livres de pouco mais ou menos.

N'uma sala, n'um baile, n'um *soirée*, deixava de escutar os pormenores do romance de uma morena ou loira, de dezoito annos, para ouvir tagarella: uma velha que tivesse sessenta vezes visto amanhecer o dia de S. Silvestre, no intuito de ouvir-lhe tambem uma historia de almas do outro mundo, de tantas que só as velhas sabem. Nessa idade, mais ou menos, nas verdes azas da esperanza, vim ter a este Rio de Janeiro.

Seja dito de passagem, seis mezes depois as azas da tal esperanza estavam negras como as azas do um corvo...

Aqui, pois, Mafoma de nova especie, a procura de um tecto, cujo agasalho accomodasse mais as minhas algeibeiras de estudante do que meu proprio corpo, depois de correr Seca e Mecca, fui hospedar-me nos fundos de umas *aguas-furtadas*, cuja metade havia mais tempo occupava um tal Sr. Marçal, com quem vim a tomar conhecimento.

Era o Sr. Marçal um homem tratavel, alto, magro, de olhos encovados e ainda em cima languidos, e de cutis crestada, sem duvida, pelos soes do quarenta e oito a cincoenta annos, que representava já ter vivido. Fora para um volume de quatrocentas paginas, oitavo francez, *typo mignon*, se eu me propuzesse a escrever circumstanciadamente a respeito do meu companheiro de tecto, e por isso direi em uma palavra, que o Sr. Marçal era um magico... mas o Sr. Marçal não era simplesmente um magico. A' magia juntava elle o conhecimento profundo da *onomatomania* ou *sciencia* anagrammatica, que outr'ora, entre os discipulos de Pythagoras esteve em alta voga. Como o filho de Jacob, elle interpretava os sonhos mais exóticos.

A *astronomancia* tão respeitada no oriente, a *bibliomancia*, a *chiromancia* ou *sciencia* dos bohemios, em que ti algures ter sido grande o rei Salomão, e que Aristoteles e outros reverenciavam; a *physionomia* ou *sciencia* de Lavater, a que devemos a descoberta da *phrenologia* pelo Dr. Gall, etc., eram *sciencias* theorica e praticamente, de dia e de noite estudadas pelo Sr. Marçal, e das quaes elle provava quando se quizesse tirar inquestionavel aproveitamento.

Assim, quando um individuo desejava saber o que lhe aguardava o futuro, ia ter com o Sr. Marçal e elle li'o dizia *tim-tim* por *tim-tim*, já fazendo diversas transposições das letras de que se compunha o nome proprio do *credulo*, e com ellas formando outras palavras, que só elle traduzia; já pela influencia do signo sob que tivesse o consultante vindo ao mundo; já fazendo-oahir com *stylo magico* a Biblia, e tirando *hypotheses* para os seus calculos da primeira phrase ou palavra que lhe ficasse á esquerda, etc.

Ainda não pára aqui todo o saber do Sr. Marçal.

Elle compunha philtros contra a melancolia, preservativos de frouxidão de nervos e nostalgia, amavios infalliveis para os amantes, amuletos contra os feitiços e talismães contra as desventuras, etc.

Possuia ainda todos os segredos do mag.

nelismo, e presumo que seria capaz de magnetisar até o proprio Mesmer.

Fui testemunha ocular do seguinte facto.

Lá pelo nosso bairro moravam juntas tres ménades dos tempos modernos, para as quaes não havia remedio que sanasse o mal com que ellas tanto se delectavam — o vinho.

A propria policia que, rival das pillulas de Mr. Holloway, também é uma especie de panacéa, desenganada da incurabilidade de semelhante mal, já as tinha abandonado. Aquellas mulheres! aquellas mulheres!

Todos os vizinhos diziam ter sido feito para ellas o — *Deus os fez e o diabo os ajuntou* — phrases que as velhas repetem quando fallam de dous berr-casados de genios e feitos iguaes.

Uma noite, dir-se-hia que para as tres creaturas — era a noite de juizo, estavam ellas no meio da rua, e, ao contrario das ménades da fabula, que se enfeitavam com cachos de hera, trazia cada qual por enfeito um cacetio de vara e meia.

Aos cambaleios descompassados das pernas, e aos movimentos grutescos dos braços, soltavam das boccas um enxame de palavras, cada qual mais obscena.

Passa por ellas o Snr. Marçal; as mulheres implicam com o homem, dirigem-lhe de um jacto um cento das *taes palavras*, e avançam para elle com os cacetes em pino.

Pára o magico, fieta-as e faz-lhes algumas nomices com as mãos. Todos os curiosos pasmaram, e não foi para menos.

Em dous segundos as tres indomaveis mulheres dormiam placidamente, em pé, como dorme um sultão no seu fôfo e perfumado leito. Tinha-as magnetisado o Snr. Marçal.

Não ficou só nisso, e não foi só por isso que aqui trouxe este facto.

Foi o mais importante que d'esse dia ávante nunca mais ninguém vio aquellas mulheres levarem aos labios sequer um bago de parreira, quanto mais uma gota do licor que tantas culpas deita ás costas de Noël!

Vê-se claramente que o magnetismo extingue a sede de vinho.

Aos sectarios de Mesmer os meus emboras por tamanha descoberta. Era sobre tudo na nigromancia ou arte de evocar os espiritos, em que o Snr. Marçal dizia-se um completo *thebb*, que em chim significa *sabio*.

Com aquella condescendencia trivial, com que ali pelas ruas um desconhecido pára a um nosso aceno e nos dá o fogo do seu charuto, o espirito, qualquer que elle fosse, vinha, estivesse aonde estivesse, a um aceno do Snr. Marçal. Quando soube que o magico dispunha de mais esta qualidade, não me pude susten, que não desse um pulo de contente, dizendo para mim mesmo: «Agora, sim, senhor, podemos trazar conhecimento com uma alma do outro mundo e atirar a duvida para um canto.»

Eu zombava!

Entretanto, desejava anciosamente ter um pé para acreditar! Que Pyrrho não dará todo o seu sangue a quem repartirem elle as crenças do velho Socrates?

Tomei a resolução de divertir-me á mi-

nha custa, e, em dia de mais paciencia, fui bater á porta do nigromantico.

Aquella gabinete, todo forrado de encarnado, com o seu que de mysterioso e lugubre, como uma sala magica; um esqueleto humano, que ficava logo á entrada, e o aspecto grave do magico — seriam calafrios a quem não estivesse como eu familiarisado em lá entrar e sair. Entrei com familiaridade, e sendo do mesmo modo correspondido pelo Snr. Marçal, não me demorei em tocar-lhe a respeito do que me levava á sua presença.

(Continúa.)

CONGRESSO FAMILIAR

BAILE, EM 12 DE JANEIRO DE 1861.

Ride, si sapis.

SCENA V. (Dança-se)

J. A K. Creio que V. Exa. vai-se embora, acabada esta quadrilha, não é assim?

K. — Vamos, sim, senhor.

J. — Não terá a bondade de me conceder um passeio pelo salão, antes de partir?

K. — Pois não; com muito gosto.

J. — como publicou uma vez a *Marmota*, um dos regalos dos rapazes é passear nos bailes com as moças bonitas.

K. — Mas eu não sou bonita.

J. — (Recitando):

A modestia é uma virtude;

A modestia é uma belleza;

A modestia é medicina

Quando algum se assenta á mesa.

SCENA VI.

L. A B. — Então, Snr. Chronista, que me diz? Não acha isto animado? Qual é a moça mais bonita para o senhor?

B. — Sou suspeito; amo e o senhor sabe que «E' grande dos amantes a cegueira.»

L. — Pois, para mim, é a de vestido preto.

B. — Para outrem será a de vestido branco.

L. — Porém, se não quer dizer qual é a sua, ponha lá na chronica que é a de vestido preto.

B. — A chronica não pôde ser parcial; porque hade ser lida por muitos, e não deve desagradar a ninguém. Visto que o senhor se empenha tanto por uma, rogo-lhe que indague se ha quem se empenhe por outras; e, tanto o senhor como os meus, queiram trazer-me uma nota indicativa d'aquella, por quem cada um vota; ficando certos que não darei preferencia a nenhuma; pois entrarão na chronica á sorte.

SCENA VII.

M. — (Só, sentado, seguindo com a vista uma moça que passava pelo braço de um cavalheiro) Não é possível comprehendê-la. Como hei-de arriscar uma declaração, se não tenho certeza nenhuma de sua affeição? Que vale que me trata com tanta amabilidade, se é para todos a mesma cousa. Não é amor egoista? Não temos nós todos uma pessoa, a quem estimamos mais? Por que não a tem ella?

Para todos tens carinhos,

A ninguém mostras rigor!

Que rosa és tu sem espinhos?

Ai, que não te óntendo, flor!

SCENA VIII.

N. A O. — Que dizes? não te parece que a sociedade vai em progresso?

O. — Sem duvida: cento e tantos socios escolhidos, a flor do commercio!

N. — E as familias, as familias, olha que já ha quem se empenhe para vir a nossa partidá!

O. — A proposito, não soubeste? nas vespéras da partidá, o presidente viu-se obrigado a negar-se, em casa, perseguido por uns que queriam ser socios e outros que queriam convites para familias.

N. — Meu amigo, quo appellem para a partidá seguinte.

O. — Ainda mais, que te parece? pois não estiveram ali agora alguns á porta a pedir para entrar? São pessoas conhecidas e capazes; mas devem ver que isso não tem geito. Que se proximam com tempo, e estimaremos muito que nos ajudem a elevar a nossa sociedade ao maior auge de esplendor possível.

N. — Apoiado.

O. — Outra cousa, não achas a musica tão boa desta vez?

N. — Muito boa! E que bom gosto do walsas e de quadrilhas!

O. — O serviço não está máo; porém é preciso distribuil-o de modo que se illudam os Cossacos; do contrario não deixam chegar nada ás damas.

N. — E' verdade. Eu vou dizer isso ao presidente, para elle dar providencias.

O. — A proposito do presidente, não te parece bem bom? Não dansa, anda só a ver que esteja tudo em ordem, que não falte nada... e é muito attencioso.

V. — Lá isso é verdade.

SCENA IX.

L. A B. (Apressado) — Prompto, Snr. Chronista. Aqui estou eu e estes amigos, cada um com a descripção d'aquella que acha mais bella. (aproxima-se uma multidão de moços.)

B. — Venham as notas todas juntas primeiro para minha mão. (Recebendo-as e saralhando-as; olhando admirado para os cavalheiros) Ah, que vos não pilhasse D. João I de Portugal, para a ála dos namorados na batalha d'Aljubarrota!... Vamos a ver. (Lê):

1.º Vestido preto; não só bella, como toucada com muito gosto; é muito amavel em sua conversação.

2.º Vestido branco, do fofos. Não pude obter della uma quadrilha. Dizem que é moça muito espirituosa.

3.º Vestido de Organdim, com listras de flores cor de rosa, esmaltado das mesmas e cabeção orlado de veludo preto.

4.º Vestido de cassa de listras, com flores escuras e touca de contas de aço.

5.º Vestido de Escossia, cinta cor de rosa, grynalda com avas — *environnée d'une foule de jeunes nymphes, au-dessus des quelles elle s'élève de toute la tête.*

6.º Vestido de seda xadrezinho azul ou verde (estas cores do noite confundem-se) cabello frisado, elegante, olhos pequeninos e bellos.

7.º Vestido branco, cabeção de filó preto.

8.º Vestido de seda, xadrezinho azul, ou verde, cabeção de filó, com enfeites cor de rosa e duas rosas brancas no cabello.

9.º Vestido branco com fita cor de rosa e duas rosas no cabelo.

10.º Vestido branco, cabeção de filó preto.

B. — Senhores, tenho a observar que t-

O outro, não sabendo como descartar-se delle, lembrou-se o do expediente de atropalhá-lo com apertes.

— Amo-a, meu amigo, amá-a como um loucol.

Já sei; é a trigesima vez que o dizes hoje.

— Mas ella...

— Que mazella?

— Quem sabe se fallo grego? Dir-se-hia que mo não comprehendes! Digo que ella não dá crédito ás minhas palavras.

— Vou comprehendendo agora.

— Tanto melhor. Pois bem, tu, que frequentas a casa, podes prestar-me um grande serviço. Dize-lhe que adora-a a despeito de todo o seu desprezo; dize-lhe que quero amal-a...

— Vais fazer alguma viagem?

— Eu não; porque?

— Estás dizendo que queres a mala.

— Não é isso. Que diabo, não me comprehendes ainda. Digo que quero amal-a; ou por outra, que quero amar ella.

Entendes?

— Sim. Queres amarella e tens razão porquanto é a côr do desespero.

Aqui o massante zangou-se de véras; disse dous desaforos; mas ao menos não continuou a confidencia.

— Já li alguma cousa como isto, mas não sei onde.

— No *Doutor Gramma*; aquella chistosa farça em que era grande o Aréas!

— E' verdade, é verdade!

— Como isso tem a *Semana Illustrada* muita cousa.

— Vou pedir a meu Tio que a mande assignar.

— Pois mande, que hade gostar muito. Publica-se todos os Domingos e subscreve-se na Rua do Ouvidor n. 87, livraria do Sr. F. L. & Comp. Olhe: por tres mezes, 5\$000; por seis, 9\$000; por anno, 16\$000. Neste genero ainda não se publicou cousa melhor. No primeiro numero é que vem uma caricatura muito interessante feita á moda.

— Qual é?

— Uma moça, de saia balão, carregada por um preto, para atravessar uma rua, cheia como a Lagoa de Rodrigo de Freitas.

— Oh! hade ser cousa interessante.

— Trataremos d'isso no numero seguinte, assim como da moda da *Imperatriz Crinolina*.

— P. S. —

— Não sabe? temos mais uma *Traviata*.

— Mais uma! E de consequências?

— « Uma transvição sempre é funesta. »

— Algumas desgraças?

— Algumas.

— Murreram, portanto...

— Alguns bois, unicamente.

— Coitados dos bois! mas nem por isso tem havido abundancia de carne fresca.

— Pois olhe, não é por falta de *apouques*? Agora não se sabe como hade ter lugar a indemnisação do prejuizo. Se o estrago da locomotiva deve ser pago pelos bois, ou se o estrago dos bois pela locomotiva.

— Pague o culpado.

— O culpado hade ser o governo, que sempre é o culpado de tudo, segundo a voz publica.

— Isso prova a necessidade de mais um regulamento.

— Contra quem?

— Contra as *Traviatas*, que doem pagar as consequências de seus funestos desvios.

— Ora essa é bem lembrada! Pague o Governo!

— Sim, Prima: elle é sempre quem paga as favas.

— Tomo nota!

— Pois tome, e traga o discurso prompto para improvisar na primeira sessão.

— Muita gente faz assim. Adeus.

— Não se esqueça de mandar assignar a *Semana Illustrada*...

JACINTHO

(CONTO FANTASTICO)

(Continuação do numero 1232.)

— Ora, meu amigo e Sr. Marçal, disse-lhe depois de concisa divagação, venho pedir-lhe hoje um grande favor: faz-m'o?

— Se estiver ao meu alcance, com muito boa vontade, respondeu-me elle.

— Está...

— Então o que vem a ser?

— Olhe, Sr. Marçal, eu não sei se já reparou, eu sou sceptico.

— Sceptico?

— Absolutamente sceptico.

— Que anomalia... na sua idade... ou é agora porque está arrulada com o mundo?

— Pelo contrario, estou em boa harmonia... Quem me dera que eu nunca sabbisse delle...

— Então porque é sceptico? desde quando o é?

— Desde que nasci.

— E' celebre... o amigo estudou philosophia?

— Sim, senhor.

— Que seita adoptou?

— Eu sei, Sr. Marçal! eu sou uma porção de philosophos a um tempo... Sou Aristippe, Pyrho, Zeno, Xenefonte, Diogenes, Antisthenes, Epicuro, etc., etc.

— Pelo amor de Deus! nenhum desses charlatães presta para cousa alguma. Um dedo de Platão vale mais do que as cabeças delles todas juntas...

— Ora, ali está como são as cousas! Sou completamente opposto á seita de Platão. Ainda não posso crer que o homem tenha alma, e de mais a mais immortal. Minha ama, como Platão; um sem numero de velhas com quem tenho conversado, e quantos livros de contos fantasticos tenho lido, não me fizeram mudar de opinião. *Past vitam nihil est*, quem me arredar disto deita uma lança em Africa.

— Pois aqui estou eu que o farei, e com os factos mais palpaveis.

— Anda por ali o favor que lhe venho pedir, Sr. Marçal. Desejo conversar com uma alma do outro mundo a ver se tomo caminho: o Sr. quer evocar-a?

— Sim, Sr.

— Quando ha de ser?

— Quando quizer.

— Pois vá feito; seja hoje mesmo.

— Vá feito.

— A' meia noite?

— A' meia noite certamente.

— Está dito.

— Dito.

— Nunca deixarei, continuou o bom nigromantico, de dar creanças aos incredulos. Quem as dá, dá a mais valiosa esmola e faz um bem, que só Deus recompensará. Posso gabar-me de ter lutado com os caprichos dos mais exigentes incredulos, e, graças a Deus, ainda uma só vez não cancei antes de vencel-os.

Ha tres dias aqui esteve um senhor, que declarou-se-me incredulo até as pontinhas dos cabellos, e no fim de duas horas d'aqui sabio, credulo, credulo a causar dó.

Diga lá o nome do seu defunto amigo ou parente, cuja alma hei de evocar esta noite?

— E' indispensavel essa clausula?

— Certamente.

— Espere, deixe-me então lembrar de alguém... já achei... hade ser elle. Escnte, Sr. Marçal. Eu tive um tio materno chamado Gregorio, que foi o unico anachoreta da minha familia.

Quando eu nasci já o tio Gregorio não existia, mas todos os meus parentes fallavam-me delle. Diziam-me que elle aos trinta annos morava só em um casinha sita n'um dos arrabaldes mais isolados lá da nossa terra. Que fora rasado com uma viuva, que para isso, insinuado por elle, envenenara o primeiro marido.

Tres mezes depois de casado enviuvou, morrendo-lhe a mulher ahrasada por uma combustão espontanea. D'ahi começou meu tio pouco a pouco a emmagrecer e tornando a mania de conversar sózinho, até que a final não fez mais caso dos parentes, e quando se deu com elle tinha professado o anachoretismo.

Soubese ainda que em todas as sexta-feiras, á meia noite, sahia da casinha que meu tio occupava um animal, que grunhia como porco, e cuja cabeça seria perfeitamente a de um cavallo, se não sustentasse duas enormes pontas, retorcidas como parafusos.

Os olhos pareciam dous archotes deitando chispas phosphorescentes, e o resto do corpo era negro como carvão e felpudo como o de um bode.

Por onde passava aquelle animal treandava a enxofre, que soffocava. No dia seguinte amanhecia o tio Gregorio mais pallido do que nunca, magro como um esqueleto, e com as unhas e dentes verdes como azinhavre.

Isto durou seis mezes seguros.

Já ninguém queria habitar no bairro do tio Gregorio, desgraça que fôsse: já, ainda os mais civilizados, não lhe davam o bom dia; enfim, todos fugiam-lhe como se fôge de um leproso—quando, de uma sexta-feira em diante, nunca mais soube-se delle.

Quero ouvir, pois, esta noite a alma do tio Gregorio, perguntar-lhe o que fizeram-lhe do corpo, e pedir-lhe certas informações da vida além-túmulo.

— Pois, á meia noite em ponto, disse-me o Sr. Marçal, lá irá ter a seu quarto a alma do seu parente. E' preciso não ter luz e não fechar a porta.

— Essa não seja a duvida: deixo a porta encostada, apago a vela, deito-me e se pegar no somno, a alma do tio Gregorio me acordará?

—Ha de acordal-o.

—Muito obrigado, Snr. Marçal; até amanhã.

—Até amanhã.

—Com que então, disse comigo, sahindo do gabinete do Snr. Marçal, vou conhecer esta noite o defunto tio Gregório, graças ao condão do lituo do meu visinho?

Ri-me da minha lembrança, e deixei correr o resto do dia entretido com os meus afazeres.

A noite, ao recolher-me ás minhas *aguas furtadas*, já não me lembrava do pacto que fizera de manhã com o nigromantico.

Entrei, fechei a porta do quarto, despi-me, enchi a transbordar o meu velho cachimbo, accendi-o, dritei-me e abri um livro para conciliar o somno.

Dez minutos depois pesavam-me as palpebras, como se eu tivesse tomado opio.

Despedi-me do cachimbo, fechei o livro e apaguei a vela.

Estava pega, não pega no somno, quando inexpectadamente veio-me a idea que tinha o visinho nigromantico á minha esquerda.

—Ai, reflecti, que cabeça esta minha! não deve tardar pôr ahi a alma do tio Gregório, e eu não fechei a porta? Pois ella que entre pela fresta.

E sem dar maior importancia á lembrança, fui pensando... pensando... e peguei no somno.

Dormi.

Sonhei.

Sonhei que, sem saber explicar como, subira até o apice de uma montanha arida e íngreme.

Via á direita o oceano immenso, tal, qual elle o é, e á esquerda, uma vasta e deserta planície. Alargou-se-me impossivel descer d'aquellas alturas. Olhei em redor de mim, não vi ninguém! Sondei o sitio e não dei com o mais pequeno signal porque concluisse ter antes de mim chegado até alli uma creatura.

Pouco a pouco o sol foi descaindo. Camadas de nuvens negras foram-se aglomerando por todo o espaço.

A norte e sul, qualquer lado que tomava para o horizonte, eu o via escurecendo.

Tentei gritar soccorro, soccorro, muito soccorro! debaldel faltava-me ar! faltava-me luz! faltavam-me as forças!

Anoiteceu.

Tacteando pelas trevas, pude enfim abrigar-me a uma arvore que alli topei.

Sentei-me bem junto a seu tronco esperando que amanhecesse. Pisado pelo horroroso d'aquella situação, fatigado de esperar pela manhã, adormeci.

Sonhei que despertava no espaço, preso aos dentes de um vampiro, que, sem duvida, fazia pousar na arvore, cujo tronco me servira de encosto.

Oh! como eu estava longe da terra! Que posição á minha!

Restava-me a escolher de dous males—um! um e outro era uma irremediavel sentença de morte!

Ou morrer devorado pelo vampiro, ou d'aquellas alturas atirar-me á terra, aonde, no fim de um seculo, chegaria dividido em atomos! Lutei com o animal.

Empreguei quanta força me foi possivel. Venci-o.

Elle abriu a enorme bocca e deixou cair a présal.

Jesus!

Lá venho eu *rolando* pelo espaço abaixo... e leva-me a breca o lombo... se não desporto no meu leito...

Acordei sobresaltado, o coração batia-me fortemente...

Abri os olhos... nada... o quarto estava tão escuro que eu não acreditava ter os olhos abertos!

Sinto que alguém está de pé junto á minha cabeceira.

Quiz fallar... mas a lingua tornou-se insensivel á vontade...

Quiz mover os braços... tinha-os paralisados!

—Quem é? pôde enfim perguntar.

—Eu, ouvi distinctamente: eu, que mandaste evocar, um espirito do outro mundo. Aqui estou, ouve, e cre. Mandaste evocar o espirito de um teu parente que nunca existio, eu vim na falla delle. Queres descortinar os mysterios dos tumulos? Embalde te cançarás. Cre e fica-te.

—E tu quem és? perguntei sentindo-me ir desfallecendo.

—Jacintho.

Ouvi e não soube mais de mim.

(Continúa).

REFLEXÕES

SOBRE

A VAIDADE DOS HOMENS

POR

MATHIAS AIRES RAMOS DA SILVA
DE EÇA.

(Continuação do n. 1252.)

Nascem os homens iguaes; um mesmo e igual principio os anima, os conserva; e tambem os debilita e acaba. Somos organizados pela mesma forma e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões e as mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol; a Aurora a todos desperta para o trabalho; o silencio da Noite, annuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre e se distribue em annos, mezes e horas, para todos se compõe do mesmo numero de instantes. Essa transparente região a todos abraça; todos acham nos elementos um patrimonio commum, livre e indefectivel; todos respiram o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da agua e do fogo, a todos se communicam. O mundo não foi feito mais em beneficio de uns, que de outros, para todos é o mesmo; e para o uso delle todos tem igual direito; ou seja pela ordem da natureza, ou seja pela ordem da sua mesma instituição; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa é a vida para todos mais do que um enleio de vaidades, e um gyro successivo entre o gosto, e dor, a alegria, a tristeza, a aversão e o amor? Ainda ninguém nasceu com a propriedade de insensivel; a vida não pôde subsistir, sem estar subordinada ás impressões do gosto, o do sentimento. Todos nascemos para chorar e para rir; a circumstancia do chorar mais, ou menos, resulta do cada um de nós. A violência, e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer; e quem appeteca já se expõe aos delirios do riso e ás

amarguras das lagrimas; esse mesmo appetecer ainda só por si, é uma especie de sentimento e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegam primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, já nós estamos, ou abatidos do tristeza, ou cheios de alegria; somos tão sensiveis, que os successos para nos moverem, não é necessario que estejam em nós; basta que os vejamos de longe; a nossa sensibilidade tem maior força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que o mal, que so espera ou se receia, não pôde haver alivio, porque o pensamento lhe dá uma extensão maior; em lugar, que o mal que já se sente, pôde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parecem que se espiritualisam para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia dellas se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, já são nossas; e quando a causa se apresenta, já temos sentido seus effectos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar e nos parece que ha falta naquillo que vimos a conseguir; as cousas quando chegam, já nos acham satisfeitos, porque o desejo é uma especie de gozar mais activa, a mais duravel, mais forte e mais continua; daqui procede o ser tão delectavel a esperança, porque é uma especie de possessão d'aquillo que se espera.

(Continúa.)

M. C.

Quanto seria feliz,
Como seria ditoso,
Se fossem meus os suspiros
D'esse teu peito mimoso.

(BELMIRO.)

Se a linda flôr que murcha n'ardentia
Uma gotta de orvalho carecesse,
Em alento á vida te pudisses
Que de tua vontade dependesse,

Se os pungentes ais tua alma odvisso
Da saudosa avesinha meretricia?
A perda lastimando dos filhinhos
Avivando-os na candida memoria,

Se o cansado viajor que segue exausto
Sem forças, sequioso e inanimado,
Supplices os olhos te voltasse humilde
Confiança de ti ser soccorrido,

Deixarias a flôr ao sol crestar-se?
A avesinha morrer na soledade,
Furtarias o rosto ao peregrino,
Sem dó e compaixão sem caridade?

Não, que tua alma, é divina sacratio
Onde o instincto do bem é innato e bello,
E o teu coração sensivel e puro,
Tem com a desgraça perennal desvello.

Assim eu, como a flôr abandonada
Que sobre a haste, moribunda expira,
Como a meiga avesinha soffredora,
Ou o peregrino que na dôr suspira:

Anhelo uma palavra amiga e doce,
Um teu olhar, um candido sorriso!
Que minha alma perfume de esperanças,
E doure de ventura o meu porvir!

C.

JACINTHO

(CONTO FANTASTICO)

(Conclusão.)

Acordei, cheio de impressão, ás sete horas da manhã.

Vesti-me e fui ter com o nigromante.

—Ora viva! exclamou o Sr. Margal vindo ao meu encontro: então o amigo quoria experimentar-me?

—Como assim? repliquei-lhe.

—Disse-me que tinha tido um tio chamado Gregorio, e bem podia eu gastar toda a noite evocando o espirito do teu tio, e ainda a esta hora não se teria elle movido.

—E' verdade, Sr. Margal, perdoa-me; foi uma peça de estudante, eu nunca tive semelhante tio.

—Isso vi eu, evocando o espirito tres vezes, baldadamente.

—Mas eu ouvi... ou sonhei...

—Ora, pois não! então o senhor havia de pregar-me uma peça para não ter desforra? Quando vi que o tal seu tio não tinha alma, porque ainda não nasceu, evoquei a alma do ultimo defuncto seu conhecido, e ella aqui esteve e para lá enca-minhei-a, um quarto justinho depois da meia noite.

—E por onde entrou ella, se eu esqueci-me de deixar a porta aberta?

—Pois ainda pôe duvida? Os espiritos entram á vontade pelo buraco de uma fechadura, ainda que seja estreito como o fundo da mais fina agulha.

Fingi concordar com o que dizia o nigromante, e sahi pensando seriamente a respeito.

—Jacintho... Jacintho... repetia para mim, a ver se me lembrava de algum amigo ou conhecido que tivesse este nome. Jacintho... não conheço ninguém com este nome. O certo é, que o homem atilou que eu nunca tive a desgraça de ter um tio tão malfadado, como o tio Gregorio de minha invenção. E o resto? Qual alma de Jacintho, nem meio Jacintho! o resto foi meramente sonho, sonho e mais nada. O visinho Margal não passa de um inoffensivo fona, benza-o Deus.

E não cuidei mais no succedido.

Já havia decorrido oito ou dez dias, a contar d'aquella noite, quando encontrei-me com um velho amigo, que chegava de Minas e com quem travei relações de amizade na Academia Militar.

—De luto! exclamei, reparando que elle trazia fumo no chapéo. Quem te morreu?

—Pois ainda não sabes? replicou admirado.

—Não.

—Foi o meu irmão Jacintho.

—Jacintho! tinhas um irmão chamado Jacintho?

—Com effeito, como estás esquecido! Já não te lembras do Jacintho, que tanto sympathisava contigo?

—Acredita, não tenho a mais pequena idéa...

—Aquelle rapaz, magro como tu, e branco como a neve, com quem jogavas o dominó no Cercle...

—Ai... espera... é verdade... lembro-

me agora, chamava-se Jacintho o teu irmão, com quem tantas vezes joguei o dominó... Pois elle morreu?

—Ha vinte dias... morreu phisico em Diamantina...

—Pobre Jacintho, como eu já me tinha esquecido d'elle!

E apertei commovido a mão do meu amigo...

D'esse dia em diante consagrei a mais distincta consideração ao meu visinho da esquerda, a quem tão levemente chamara — fanfarrão.

Bruno Seabra.

LIVRO DE ORLINA

(Páginas intimas)

POR

J. BARBOSA RODRIGUES

Go lithe book, from this my solitude!
I cast thee on the waters—go thy way!
An if, as I believe, thy vein be good,
The world will find thee after many days.

LORD BYRON—D. Juan.

Atirado na senda escabrosa da vida, vogetando isolado no mundo, do meu campestre retiro, escrevo, Orlina, neste teu Livro algumas paginas intimas entregando-as á mercê da sorte.

Já uma vez te disse, Orlina, que este livro que para ti escrevo, é fructo de algumas horas de descanso.

Entrego-me de bom grado a esse trabalho deleitoso, por ser para ti, porque o mereces; tanto, que se algum dia elle fizesse com que as turbas lançassem-me louros, eu os tomaria, e ornaria a tua fronte com elles dizendo: « Eis, Orlina, o fructo produzido pela arvore que plantaste! elle e teu, na minha fronte pesaria, enquanto que na tua acenará aos vindouros mais um typo de cencistancia e de amor. »

Porém, é um pensamento ousado: quem lançará louros ao filho das desventuras, ao pobre sem esperança?! Nem uma palma posso dar-te... E' triste, não é, Orlina, amar-se a um mancebo que do mundo nada espera? Pois não é!...

Porém tu me amas com o mesmo fervor que amou Marília, pois tua alma é nobre porque desprezas as metalicas uniões para pertenceres a um pobre.

Tu és para mim, Orlina, o meu fanal de esperança; o consolo do meu presente a ventura do meu futuro. Praza aos céus que sejas sempre assim!... E nada te posso dar em troca de tanto amor... amo-te muito, porém ainda mais o mereces.

Eu quizera poder consagrar-te um amor constante, porque o amor hoje por mais puro o sacro que seja, sempre tendo á declinação. Eu quizera pôr-te no cumulo das grandezas humanas, quizera fazer-te immortal, e já não o serás em meu coração? és rainha, senhora absoluta.

Só tu, Orlina, possues o meu coração, e só tu comprehendes as suas magoas. Eu sonhei muito outr'ora, sempre tive na mente um ideal encantador, sentia em meu peito um desejo de amar, queria achar quem

merecesse um amor puro que ardia dentro em mim, queria aclar uma virgem que igualasse o meu ideal, para votar-lhe todo meu amor, porque tinha necessidade de amar! Encontrei-te então, depois de uma longa separação. A planta que conheci despontando apenas, encontrei-a depois, florida e bella. Apenas vi-te, consagrei-te o meu amor; recordei-te a nossa infancia e a doce amizade que nos unia; recordei-te os nossos jogos e por fim, quando terna e attentiosa me escutavas, declarei-te meu amor!... Como não ficaram rubentes as tuas faces, e como estavas bella então! Ah! Orlina antes nunca houveres te amado! quem diria que o horizonte de nossas esperanças, que se cobria de jasmims e rosas, havia de nublar-se não se amontoando depois nelle, senão nuvens propheticas de amarguras? Quem diria?! Hoje soffro e soffro muito, Orlina. Tenho no peito germes de morte, tenho o coração já insensível ás dôres e alento uma chaga funda e perenne. Soffro muito!... E porque soffrerei eu, se possuo o teu amor, minha unica possessão?

Não sabes, Orlina, porque gemo e iracundo mar, e que nas auras do soffrimento se anoja louco nos penhascos de uma crypta?

Não sabes porque constante vemos a rôla suspirando, quer nas palmas dos coqueiros, quer no ingazeiro á margem da limpha crystalina que murmura docemente deslisando por sobre o esmerilh?

E não saberás, porque os gorgeios do sabiá, acabam sempre por um canto sentido, por um queixume triste que pareça partir de um coração magoado e ralado por soffrimentos?

E não sabes, porque também gemo a brisa, na folhagem viçosa dos madeiros gigantes, quando o dia desponta, e que também a aurora nascendo corçada de galas, chora depositando suas lagrimas no calix do lyrio, no seio da rosa e nas petalas da sentida violeta?

Ainda então não saberás, porque toda a natureza chora e gemo não tendo apparentemente um soffrimento? Eu te explico, escuta-me: Deus, o prothotypo venerado, o que espalhou sobre o globo que creára com largas mãos, foi o bem. Satan depois da queda dos anjos, entornou de sua negra cornucopia o mal, o soffrimento. Baralharam-se, a hoje em todas as paginas dos livros da natureza acha-se o enfermeado o bem com o mal, vive-se, porém soffre-se... Se temos alegrias, venturas, prazeres e amor; também temos pezares, desventuras, tedios o ciúmes... Não se passa sem soffrimentos, tudo soffre, até a natureza. Ha o soffrimento natural que é aquelle que comnosco nasce, e ha o que se gera depois, que é o mais forte por ser muitas vezes causado pelos requieços dos homens, e que podemos chamar adquirido. Porém Orlina, o meu soffrimento não é natural, é adquirido.

Eu soffro, porém, aquella magoa doce, aquelle pungir gostoso, aquella duvida que se mette n'alma, a dôr da saudade, conjunta com o dilacerar do peito, com o agudo pezar da durida, com aquella illusão que torna o homem immite a dôr do agro ciúme. Tenho muito amor, porém tenho muitas dôres.

E como não soffrer? se vivo distante do ti, sem ver teus olhos que tanto serenam meu espirito, quando os vejo, sem ver tuas